

O BEM-ESTAR ANIMAL E O GRAU DE CONSCIÊNCIA DAS CRIANÇAS

Danielly Marinho Trindade ¹

Renata Orlandin ²

Dimas Dal Magro Ribeiro ³

Jade Lacerda Pellenz ⁴

Marcelo Dal Pozzo ⁵

Deise Dalazen Castagnara ⁶

Resumo:

O Médico Veterinário, além de cuidar da saúde dos animais, possui o importante papel de assegurar o bem-estar das diversas espécies, sendo responsável também pela abordagem do tema. A discussão sobre o bem-estar animal é recente, mas a cada ano ganha mais espaço no meio social. Uma das principais maneiras de combater os maus-tratos se dá pela transmissão de informações, principalmente quando o conhecimento se inicia logo na infância e é passado para os integrantes do grupo familiar. Levando em conta que muitas vezes os pais aprendem com seus filhos, decidiu-se abordar o tema do bem-estar animal, inicialmente, com crianças com idades entre cinco e sete anos de escolas públicas e particulares de Uruguaiana, Rio Grande do Sul, onde há um elevado número de cães e gatos errantes, consequência dos maus-tratos e da falta de conhecimento sobre o assunto. Os encontros promovidos pelos acadêmicos de Medicina Veterinária visavam diagnosticar o nível de conhecimento e inserir novos conceitos referentes ao bem-estar animal para as crianças através de jogos, animações e slides com uma linguagem simples e objetiva, adaptados para cada uma das faixas etárias abordadas. Após uma breve conversa, os alunos foram convidados para responder um questionário, informando se tomavam determinados cuidados ou não no tratamento de seus animais, como, por exemplo, o uso de guia durante os passeios, a utilização de plaquinhas de identificação, a periodicidade de vacinas e banhos e o fornecimento de alimentação adequada para seus cães e gatos, a fim de diagnosticar o grau de consciência sobre cada pergunta. No final de cada apresentação, os participantes do projeto solicitavam que, quando cada criança chegasse em sua casa relatasse para seus familiares tudo o que havia aprendido naquele dia sobre o bem-estar animal. Durante os encontros, 283 alunos foram atingidos, sendo que a maioria (79,04%) tinha animais de estimação em suas residências e uma pequena parcela apenas tinha contato com animais de parentes ou amigos, apesar disso todas as respostas foram levadas em consideração. A partir das respostas obtidas através dos questionários serão planejadas novas abordagens, focadas nos pontos com resultados mais preocupantes, como o uso de identificação e o fornecimento de alimentação inadequada, com o intuito de atingir tanto as crianças quanto os adultos da cidade de Uruguaiana, fazendo com que o conhecimento sobre o bem-estar animal seja disseminado com maior eficiência.

Palavras-chave: bem-estar, consciência, posse responsável, crianças, animais

Modalidade de Participação: Iniciação Científica

O BEM-ESTAR ANIMAL E O GRAU DE CONSCIÊNCIA DAS CRIANÇAS

¹ Aluno de graduação. danimtrindade@gmail.com. Autor principal

² Aluno de graduação. renata.orlandin22@gmail.com. Co-autor

³ Aluno de graduação. dimasdmribeiro@gmail.com. Co-autor

⁴ Aluno de graduação. jadepellenz@gmail.com. Co-autor

⁵ Técnico Administrativo em Educação. marcelodalpozzo@yahoo.com.br. Orientador

⁶ Docente. deisecastagnara@yahoo.com.br. Co-orientador



O BEM-ESTAR ANIMAL E O GRAU DE CONSCIÊNCIA DAS CRIANÇAS

1. INTRODUÇÃO

Sabe-se que, desde os primórdios da humanidade, os animais sempre estiveram ao lado dos homens (TEIXEIRA et al. 2016) nas diferentes atividades do cotidiano, fazendo parte das refeições, do trabalho ou, simplesmente, como companhia. Em qualquer uma das relações entre eles, o homem sempre teve algum tipo de interesse sobre a outra espécie, tornando a convivência vantajosa para, pelo menos, um dos lados. Os animais domésticos, como os cães e gatos, fazem parte da história das diferentes sociedades, como, por exemplo, no Egito Antigo (DOTTI 2014), onde os gatos eram considerados animais sagrados e eram venerados pelas diferentes classes sociais, indo desde os escravos até os faraós, topo da pirâmide hierárquica egípcia.

Conforme os anos passaram, a sociedade se modificou e, junto com ela, a interação entre homens e animais (TATIBANA et al. 2009). Cada vez mais os animais foram sendo domesticados e, no caso de cães e gatos, inseridos no meio urbano. Muitas famílias passaram a tratar essas espécies como membros (DECLARO et al. 2004), como filhos. Deste modo, as crianças também passam a direcionar sua atenção aos animais de estimação, seja nos lares onde estes já estão inseridos ou fazendo com que seus pais os insiram em suas famílias.

A discussão sobre o bem-estar animal é recente, mas a cada ano que passa se difunde mais e mais entre os diferentes nichos da sociedade. A escritora Ruth Harrison, em seu livro *Máquinas Animais*, foi uma das primeiras a abordar este assunto, em 1964. Desde então a população começou a se preocupar com a maneira com que estavam cuidando de seus animais.

Com a união entre as famílias modernas e o bem-estar animal, pode-se dizer que tanto os adultos quanto as crianças precisam de certa atenção quando fala-se sobre o tema. Levando em consideração que, muitas vezes, os pais aprendem com os ensinamentos de seus filhos, um dos métodos mais eficazes de levar os conceitos do bem-estar e da posse responsável de animais, é através das crianças.

O Médico Veterinário, além de cuidar da saúde dos animais e das pessoas, também possui o importante papel de assegurar o bem-estar das diversas espécies (MOLENTO 2007). Tendo como base tal função, o curso de Medicina Veterinária da Unipampa buscou diferentes formas de solucionar a problemática dos maus-tratos.

No município de Uruguaiana, região Oeste do Rio Grande do Sul, constatou-se um elevado número de cães e gatos errantes, o que demonstra uma fragilidade na consciência da população a respeito da posse responsável, pois o alto índice de animais nas ruas é, sem dúvidas, consequência dos maus-tratos (BORTOLOTTI et al. 2012) e da falta de informação nos lares uruguaianenses.

Sabe-se que os adultos já têm suas convicções formadas, razão pela qual se torna complicado modificar suas opiniões consolidadas, porém a personalidade das crianças começa a tomar forma entre os quatro e sete anos, por isso esta é a melhor fase para ensinar o que é certo ou errado, pois elas estão muito sensíveis ao meio e propensas a expandir seus conhecimentos sobre diferentes assuntos. Também é nesta faixa etária que elas tendem a imitar o comportamento dos adultos com quem convivem (NOLTE et al. 2009). Com base nestas informações, decidiu-se focar na reeducação das crianças em fase escolar, além de identificar seu grau de

consciência sobre a posse responsável, para que elas levem seus aprendizados para casa e, conseqüentemente, para a sociedade em geral, começando pelo seu núcleo familiar (DIAS et al. 2012).

2. METODOLOGIA

O trabalho foi desenvolvido em escolas públicas e particulares do município de Uruguaiana, Rio Grande do Sul, por acadêmicos do curso de Medicina Veterinária da Unipampa. As visitas aconteceram entre os meses de Junho e Julho de 2017. As ações foram destinadas, principalmente, às crianças de cinco a sete anos de idade, sofrendo pequenas adaptações para cada faixa etária.

Os encontros visavam passar informações referentes ao bem-estar animal de uma forma leve e de fácil compreensão pelo público-alvo. Fez-se o uso de mídias digitais com conteúdos ilustrados educativos, sendo estes em forma de jogos, animações e apresentação de slides. Os materiais foram elaborados com uma linguagem simples e objetiva, compatíveis com a idade dos alunos abordados. Todas as crianças foram contempladas no projeto, as que possuíam animais em casa e as que apenas tinham contato com cães e gatos de terceiros.

Para o diagnóstico do conhecimento das crianças a respeito do bem-estar animal, foram apresentadas diversas imagens, algumas mostrando condições adequadas e outras inadequadas sobre a criação de cães e gatos. Com o passar das ilustrações, os alunos recebiam uma breve explicação sobre o assunto e eram indagados se tomavam aqueles cuidados ou cometiam os mesmos erros com seus animais ou com aqueles com que conviviam. Para obtenção dos resultados, solicitou-se que as crianças levantassem as mãos quando a resposta fosse “sim” e, além disso, que contassem brevemente uma história referente à sua convivência com animais domésticos.

As perguntas foram elaboradas com o objetivo de coletar dados sobre os cuidados básicos que as crianças e seus familiares tomavam com seus animais. Foram feitas as seguintes indagações: “Você possui animais de estimação?”, “Você utiliza coleira e guia para passear com seu cão?”, “A carteira de vacinação de seus animais está em dia?”, “Você e seus familiares costumam dar restos de comida para seus animais?”, “Seus animais possuem coleira com plaquinha de identificação?”, “Os banhos de seus animais tem uma frequência regular?”. Após cada pergunta, os alunos recebiam algumas dicas sobre a forma correta de agir em cada uma das situações mencionadas. Além dos assuntos abordados na pesquisa, diversos conceitos básicos foram passados para os ouvintes de cada uma das ações. Ao final de cada apresentação, o grupo de acadêmicos solicitava que, ao chegar em casa, cada criança contasse para seus familiares, amigos e vizinhos sobre tudo o que havia aprendido naquele dia.

Os participantes do projeto foram divididos em dois grupos: um deles era responsável pela explicação e realização da atividade, enquanto o outro observava e quantificava as respostas obtidas. Posteriormente, as respostas anotadas pelos acadêmicos foram tabuladas em planilha Excel e analisadas descritivamente.

3. RESULTADOS e DISCUSSÃO

Durante as atividades do projeto, foram visitadas cinco escolas, sendo quatro municipais e uma particular, com uma abordagem total de 283 crianças. Destas, 79,04% afirmaram ter animais de estimação em suas residências, enquanto 20,96% não os possuíam (Figura 1A), mas tinham contato com cães e gatos de parentes, vizinhos e amigos. Tanto as respostas dos que possuíam animais quanto as dos que

não possuíam foram levadas em consideração, tendo em vista que ambos os grupos se basearam nas atividades das quais participavam ou nas que viam seus familiares realizando com os animais.

Quando indagadas sobre os passeios, 81,27% das crianças afirmaram que faziam uso de coleira e guia, mas 18,73% disseram que não utilizavam a guia (Figura 1B). Segundo Domingues et al. (2015), 27,6% dos animais domiciliados passeiam sem o uso de guia.

A respeito da vacinação, 51,94% mantinham todas as vacinas em dia, enquanto 48,06% não o faziam (Figura 1C). A porcentagem encontrada de crianças que disseram manter a vacinação dos animais é semelhante à relatada por Dias et al. (2012), em que 47,9% dos questionados afirmou adotar medidas profiláticas contra as doenças, como a vacinação antirrábica.

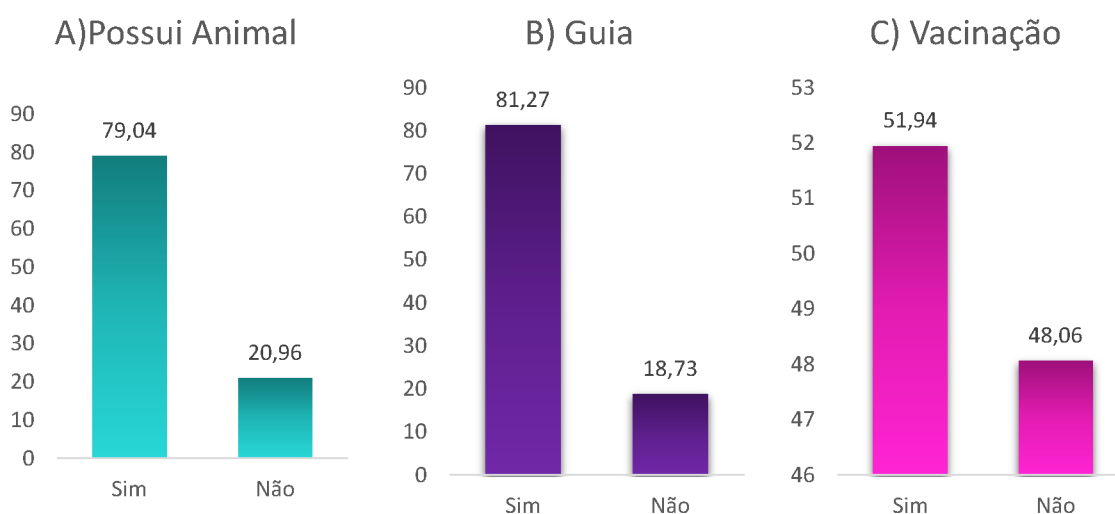


Figura 1. Noções de bem-estar animal em crianças de escolas públicas e particulares de Uruguaiana-RS sobre possuir animais (A), utilizar guia em passeios (B) e vacinação (C).

As crianças também foram questionadas a respeito da alimentação de seus animais e, nesta pergunta, 45,94% afirmaram servir restos de comida e 54,06% disseram fornecer apenas rações específicas para cães ou gatos (Figura 2A). Os resultados encontrados apresentam valores consideravelmente distintos dos encontrados por Silva et al. (2013), onde apenas 11% das crianças responderam oferecer as sobras de suas refeições para os animais.

Sobre o uso de coleiras com placas de identificação, apenas 33,22% mantinham seus animais identificados, mas 66,78% não possuíam qualquer tipo de identificação (Figura 2B). Com a exposição de situações hipotéticas em que o uso do objeto em questão teria feito diferença no resgate e encaminhamento de animais errantes de volta para seus lares, as crianças conseguiram compreender a necessidade de seu uso integral.

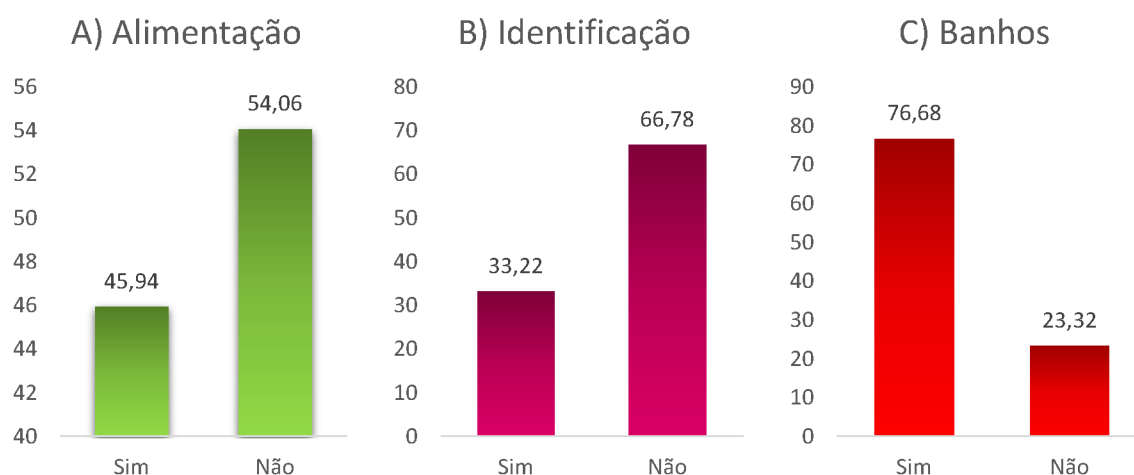


Figura 2. Noções de bem-estar animal em crianças de escolas públicas e particulares de Uruguaiana-RS sobre alimentação adequada (A), identificação (B) e regularidade de banhos (C).

Por fim, perguntou-se sobre a regularidade de banhos nos animais, onde 76,68% afirmaram manter a higienização de seus animais de estimação em períodos regulares, enquanto 23,32% não o faziam com pontualidade (Figura 2C).

Levando em conta todos os dados obtidos nas visitas e os coletados nas demais pesquisas, pode-se afirmar que todos os temas devem ser abordados com ênfase, pois nota-se claramente a falta de informação por parte das crianças, reflexo dos adultos com que convivem.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que se refere à comida fornecida aos animais domésticos, em um próximo encontro o assunto será tratado com atenção. Dentre os demais temas abordados, a importância do uso de coleiras com informações básicas sobre o animal e seus proprietários também será bastante salientada.

Deseja-se, em breve, realizar ações que envolvam mais do que apenas as crianças, mas sim diferentes segmentos da população uruguaiense, indo desde as periferias até o centro da cidade. Palestras, intervenções e eventos fazem parte dos próximos planos do projeto.

5. REFERÊNCIAS

BORTOLOTTI, R.; D'AGOSTINO, R. G. Ações pelo controle reprodutivo e posse responsável de animais domésticos interpretadas à luz do conceito de metacontingência. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, vol. 3, n. 1, p. 17-28, 2012.

DA SILVA, M. N. G., DE ARRUDA MISTIERI, M. L., JÚNIOR, W. d. S. F., CENTENO, L. V. P., DA EXALTAÇÃO PASCON, J. P., LUBECK, I., DUARTE, C. A., PEREIRA, D. T. P., DO PRADO, L. M. and WEILER, T. Projeto “melhor amigo” na conscientização da guarda responsável de animais de estimação. *Revista Ciência em Extensão*, v. 9, n. 3, p. 43-52, 2013.

DEL-CLARO, K.; PREZOTO, F.; SABINO, J. Comportamento animal. Uma introdução à Ecologia Comportamental. Jundiaí: Livraria Conceito, 2004, p. 11-15.

DIAS, I. C. L.; GUIMARÃES, C. A.; MARTINS, D. F.; BRANDÃO, V. M.; DA SILVA, I. A.; SILVA, M. I. S. Zoonoses e posse responsável: percepção e atitudes entre crianças do ensino fundamental. Revista Ciência em Extensão, v. 8, n. 2, p. 66-76, 2012.

DOMINGUES, L. R.; CESAR, J. A.; FASSA, A. G.; DOMINGUES, M. R. Guarda responsável de animais de estimação na área urbana do município de Pelotas, RS, Brasil. Ciência & Saúde Coletiva, v. 20, n. 1, p. 185-192, 2015.

DOTTI, J. Terapia & animais. 1.ed. São Paulo, 2014. 294p.

MOLENTO, C. F. M. Bem-estar animal: qual é a novidade. Acta Scientiae Veterinarie, v. 35, n. 2, p. 224-226, 2007.

NOLTE, D. L.; R. HARRIS. As crianças aprendem o que vivenciam. 1.ed. Rio de Janeiro, 2009. 144p.

TATIBANA, L. S.; COSTA-VAL, A. P. Relação homem-animal de companhia e o papel do médico veterinário. Revista Veterinária e Zootecnia em Minas. v. 11, n. 103, p. 12-18, 2009.

TEIXEIRA, G. N. R. D. F.; SILVA, J. A. M. C.; SOARES, D. F. d. M. Acumuladores de animais. Cadernos Técnicos de Veterinária e Zootecnia, Minas Gerais, n. 83, p. 60-69, 2016.